



Centro de Análise da
SOCIEDADE BRASILEIRA

Relatório Executivo

Grupo de Trabalho
Temático 11:

NEGACIONISMO CLIMÁTICO

O CASB

O Centro de Análise da Sociedade Brasileira (CASB) é uma iniciativa das fundações Perseu Abramo (PT), Lauro Campos e Marielle Franco (PSOL), Maurício Grabois (PCdoB) e Rosa Luxemburgo (vinculada ao partido alemão Die Linke – A Esquerda).

Tem como objetivo aprofundar o entendimento sobre as mudanças na sociedade brasileira e produzir diagnósticos – auxiliando os partidos e o governo na tarefa de democratização da sociedade e das instituições; e na organização do campo democrático popular.

Para isso, organizou seu trabalho no sentido de ampliar sua escuta em direção a especialistas e pesquisadores (da academia, de movimentos sociais e fundações partidárias); e também produzir pesquisas próprias pelo Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos da FPA (NOPPE).

As atividades e publicações do CASB expressam o projeto conjunto das Fundações parceiras. Elas comportam opiniões plurais, de integrantes e convidados, que não são necessariamente posição institucional das Fundações participantes do CASB.



ESTE RELATÓRIO FOI PRODUZIDO A PARTIR DOS DADOS APRESENTADOS PELAS/OS CONVIDADAS/OS.

Data: 04 de Julho de 2023

Ementa do GT:

No GT 11, sobre o Negacionismo Climático, o CASB buscou compreender a evolução nas últimas décadas do discurso que nega as mudanças climáticas, e como tal negacionismo se tornou estruturante da agenda política da extrema-direita no Brasil e no mundo. Buscamos compreender o surgimento de tal discurso, financiado com base em interesses econômicos entre os anos 1970 e 1990, como segmentos do capital no Brasil adotaram essa agenda, como a extrema-direita brasileira impulsionou tal programa e a tendência de reposicionamento discursivo da extrema-direita nos EUA e na Europa.

Expositoras/es:

- 1. Tatiana Roque** – Secretária de Ciência e Tecnologia da cidade do RJ e professora titular do Instituto de Matemática da UFRJ;
- 2. William Nozaki** – Cientista político e economista;
- 3. Maureen Santos** – Coordenadora do Grupo Nacional de Assessoria/FASE, professora do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio e coordenadora da Plataforma Socioambiental do BRICS Policy Center.

Debatedores

- 1. José Bertotti** – Pesquisador em inovação do Instituto de Pesquisa em Petróleo e Energia (I-LITPEG) da UFPE;
- 2. Cristiane Faustino** – Coordenadora institucional do Instituto Terramar e membro da Rede Brasileira de Justiça Ambiental.

1. NEGACIONISMO CLIMÁTICO É UM FENÔMENO COM CONTORNOS BASTANTE DEFINIDOS – Com bases políticas e econômicas

Historicamente, o **negacionismo climático** foi semeado em nível global por interesses econômicos: em meio ao *boom* do debate climático entre os anos 1970 e 1990, as gigantes do setor petrolífero, vinculadas à Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) – potencialmente afetadas pelo debate sobre o aquecimento global que imperava naquele momento, financiaram pesquisas, projetos e investiram em especialistas dispostos a negar o fenômeno no debate público. Assim, fez-se com que uma afirmação consensuada no meio científico parecesse controversa aos olhos da opinião pública.

Compreender o peso do alto investimento feito há décadas para fomentar tal narrativa permite jogar luz sobre o debate atual. Os diversos negacionismos (como o científico) são ligados entre si, mas tratados, do ponto de vista do debate público, como oriundos de falta de letramento e de conhecimento – e que, portanto, levar conhecimento científico seria suficiente para combater essas visões de mundo. Essa abordagem supracitada limita a compreensão do problema, e afasta uma parcela da opinião pública suscetível aos negacionistas.

O bolsonarismo no Brasil, por exemplo, é forte entre as camadas mais escolarizadas da população.

Na França, cuja população possui altos índices de escolaridade, o movimento antivacina (antivax) é fortíssimo. Ainda, a formação de um grupo de formadores de opinião e influenciadores negacionistas é parte de um projeto político maior que encontrou abrigo na extrema-direita mundial, permeado por interesses econômicos e por uma visão de Estado, e por uma agenda de políticas públicas para lidar com a questão ambiental.

Os quatro anos de governo Bolsonaro no Brasil reproduziram essa agenda, com políticas que desregulamentaram a proteção ambiental no Brasil e favoreceram grupos predatórios – exemplos internacionais também demonstram tal questão, como veremos adiante.

É preciso reconhecer que há lobby organizado e que o negacionismo climático não é feito por ignorantes, com falta de argumentos. Uma série de negacionismos estão presentes na academia, com intelectuais, artigos e publicações, promovendo um falso embasamento que mimetiza a linguagem científica. No Brasil, nomes como Ricardo Felício e Paolo Zanotto, ex-professor e professor licenciado da USP, propagam teses que defendem um ‘outro lado’ no debate público sobre clima (o que nega a emergência climática).

2. NO BRASIL, OS GRUPOS QUE SE BENEFICIAM DO DISCURSO DE NEGACIONISMO CLIMÁTICO SÃO OUTROS: O AGRO E A INDÚSTRIA DA MINERAÇÃO

- Que apoiaram Bolsonaro

Nos países do hemisfério norte o debate sobre as mudanças climáticas gira em torno de matrizes energéticas e elétricas ancoradas na queima de combustíveis fósseis, enquanto potenciais geradores dos Gases de Efeito Estufa (GEE), diferente do caso brasileiro, em que a matriz energética e elétrica, quando comparadas com as matrizes do resto do mundo, têm um grau muito menor de emissão de GEE causados pelos mesmos poluentes.

Isso quer dizer que quando comparamos o setor de energia do Brasil com os setores de outros países, a composição de energia renovável na matriz energética brasileira representa cerca de 50% frente a 15% do resto do mundo. Enquanto nas matrizes elétricas essa diferença é ainda maior, representando 82% de renováveis em sua composição frente a 28%.

No entanto, mesmo que a composição de renováveis seja mais representativa frente ao cenário global, o Brasil ainda ocupa o ranking entre os cinco maiores emissores mundiais de GEE. Sendo que 61% das suas emissões são resultantes de **mudanças de uso do solo, desmatamento decorrente da expansão das atividades do setor agropecuário**

e mineração predatória do país, além do uso de transportes rodoviários a base de combustíveis fósseis (diesel) em sua malha logística. Ou seja, observar o discurso de negacionismo climático no Brasil, exige que olhemos com atenção não só para o setor de energia, mas sobretudo, para o poderoso setor agropecuário e o destrutivo setor de mineração predatória.

Além do perspectiva setorial, é preciso também analisar o caso dos discursos de Negacionismo Climático da perspectiva do território: 61% das emissões dos GEE estão concentrados nos estados do Norte e Centro-Oeste, estados onde o discurso vinculados a extrema-direita ganhou força e fiéis apoiadores do Bolsonarismo.

No Brasil, a agenda de retrocessos é imensa: desregulamentação da proteção ambiental em terras indígenas; a facilitação e regulamentação da 'mineração artesanal'; Invasão de terras Yanomamis para garimpo ilegal; desmatamento na região amazônica para atividades pecuárias. Todos esses retrocessos ancorados no discurso de Negacionismo Climático endossados e orquestrados pelo mais alto cargo da república.

3. A AGENDA NEGACIONISTA É PARTE FUNDAMENTAL DA AGENDA DE ESTADO E DO PROJETO DA EXTREMA-DIREITA GLOBAL. O GOVERNO BOLSONARO IMPULSIONOU O NEGACIONISMO CLIMÁTICO E A EXTREMA-DIREITA SE BENEFICIOU DELE.

Não é “apenas” o setor privado que promove o negacionismo climático. Uma série de governos que identificamos como de extrema direita **atuam para obstruir e dificultar políticas** que tentam mitigar as consequências negativas da crise climática que vivemos. Os **exemplos na última década** são numerosos, sendo mais importantes os dos **Estados Unidos da América (EUA)**. **Trump nunca escondeu o seu negacionismo** ao tentar refutar as evidências científicas que indicam que as mudanças climáticas são causadas pela atividade humana. **O ex-presidente dos EUA chegou a dizer que o aquecimento global era uma invenção da China.**

Já nos primeiros meses de governo, passou a desvirtuar a atuação da Agência de Proteção Ambiental. **O ato mais simbólico foi a saída do Acordo de Paris sobre o Clima**, assinado em 2015 pelo seu predecessor no cargo, Barack Obama. Trump argumentou que o tratado para limitar as emissões de gases de efeito estufa prejudicaria os Estados Unidos e anunciou a retirada do país em 2017.

Este processo ocorreu também no contexto da União Europeia.

A emergência de grupos e lideranças políticas de extrema-direita no poder tem um impacto negativo direto nos esforços dos países para conter a mudança do clima, **segundo estudo^[1] que analisou a situação de 25 países da OCDE** ao longo de mais de uma década **por meio de um índice de política climática**. De acordo com a análise, **a presença de partidos populistas de direita no parlamento e no governo resultou em uma redução média de 25% nesse índice**, refletindo um enfraquecimento de compromissos e políticas associadas ao clima nesses países.

Aqui no Brasil está provada a **tragédia que foram os governos de direita pós-Golpe**. Michel Temer e principalmente Jair Bolsonaro interromperam **um caminho virtuoso que o Brasil vinha trilhando** desde 2003. Para favorecer sua base política, **o governo Bolsonaro neutralizou a aplicação de multas ambientais e promoveu o desmantelamento da legislação e da fiscalização**. Esses fatores ampliaram a criminalidade na Amazônia, com perdas na massa florestal e na biodiversidade.

1. How Do Right-Wing Populist Parties Influence Climate and Renewable Energy Policies? Ben Lockwood, e Matthew Lockwood. Global Environmental Politics (2022) 22 (3): 12–37.

E MAIS...

Além disso, **o governo e sua bancada** de apoio no Congresso Nacional **atuaram fortemente no parlamento para eliminar requisitos basilares do licenciamento ambiental**, assim como para **anistiar grilagens de terras** da União.

Entre 2019 e 2022 a **área derrubada** atingiu 35.193 quilômetros quadrados. O tamanho é **maior do que os estados de Sergipe e Alagoas juntos**. Na comparação com os quatro anos anteriores, o aumento foi de quase 150%. Segundo dados compilados pelo Observatório do Clima, o crescimento na devastação será de 59,5% na comparação com os quatro anos anteriores.

O Brasil está entre os cinco maiores emissores mundiais de gases de efeito estufa, sendo que 61% das suas emissões são resultantes de mudan-

ças de uso do solo e desmatamento.

Já que a matriz energética brasileira emite relativamente pouco, nossa maior preocupação é manter a floresta de pé.

Está claro que **a postura negacionista dos governos de extrema-direita está relacionada diretamente aos setores econômicos que os financiam e apoiam**. A ligação do interesse do setor privado e o comportamento do executivo nacional é óbvia, no caso brasileiro é ligado ao agronegócio, grilagem, garimpo, extração ilegal de madeira etc. No entanto, é importante ressaltar a capacidades de mobilização de diferentes atores (na academia, setor privado etc.), seu protagonismo e sua agenda sobre a agenda do negacionismo climático.

4. NOS PAÍSES DO HEMISFÉRIO NORTE, HÁ UMA TENDÊNCIA DE REENQUADRAR O DEBATE SOBRE EMERGÊNCIAS CLIMÁTICAS

Ainda que o negacionismo climático - e científico como um todo - seja uma narrativa estratégica e estruturante da extrema-direita, é importante estar atento para outro movimento.

Os grupos de extrema-direita estadunidense e europeus, ao invés de negar o “problema” das emergências climáticas, tentam **gerir suas “soluções”**. Pode-se citar dois exemplos bastante emblemáticos:

Marine Le Pen do Reagrupamento Nacional francês elabora a tese da **“natureza patriótica”**. Dentro desta perspectiva, os **migrantes e refugiados**, “aqueles que se deslocam” não teriam apego com o meio ambiente e, portanto, não teriam “cuidado”. Passam, desta forma, a ser **os principais sujeitos responsáveis pelas alterações no clima**.

- O governador do Arizona, Doug Ducey (Republicano), constrói um muro com o México para inibir a entrada de imigrantes, associando o “desastre ecológico com a imigração desenfreada”.

Ambos exemplos evidenciam um deslocamento narrativo. **A extrema-direita reforça argumentos xenófobos ao passo que se mostra interessada na agenda verde.**

No entanto, ao invés de fazerem a partir dos paradigmas do que a ciência acumulou, deslocam o debate da agenda de socioambiental e passam a fazê-lo a partir do debate de segurança nacional, reforçando a estigmatização das populações já marginalizadas - pobres e migrantes.



O CASB se propõe a um debate amplo ouvindo diversos setores da sociedade e, neste relatório, agradecemos especialmente às pesquisadoras Tatiana Roque e Maureen Santos, e ao pesquisador William Nozaki. Aos leitores que tiverem interesse em aprofundar sobre o tema, segue o link abaixo:

“How Do Right-Wing Populist Parties Influence Climate and Renewable Energy Policies? Evidence from OECD Countries” Ben Lockwood, Matthew Lockwood; 2023 <<https://direct.mit.edu/glep/article/22/3/12/110008/How-Do-Right-Wing-Populist-Parties-Influence>>

SAUDAÇÕES

CASB

Centro de Análise da
SOCIEDADE BRASILEIRA

